

Produção científica geográfica brasileira sobre lesbianidades: invisibilidade acadêmica e social

Brazilian geographical scientific production on lesbianities: academic and social invisibility

Producción científica geográfica brasileña sobre lesbianidades: invisibilidad académica y social

Adelaine Ellis Carbonar dos Santos¹

<https://orcid.org/0000-0003-0924-7328>

Jeziel Silveira Silva²

<https://orcid.org/0000-0002-6924-8683>

Vanessa de Oliveira Haile³

<https://orcid.org/0000-0002-7802-1448>

Marcio Jose Ornat⁴

<https://orcid.org/0000-0002-8835-5871>

¹ Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, Minas Gerais – Brasil. E-mail: addiecarbonar@gmail.com.

² Universidade Federal de Goiás, Goiás, Goiânia-Brasil. E-mail: jezielsilveira@hotmail.com.

³ Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Paraná-Brasil. E-mail: vanessahaile10@gmail.com.

⁴ Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Paraná-Brasil. E-mail: marciornat@uepg.br.

Resumo

Este artigo tem por objetivo identificar e elucidar as teses e dissertações sobre lesbianidades que possibilitem uma análise geográfica dos seus resultados. Para tanto, foi realizado um levantamento bibliográfico de pesquisas que discutem a temática em foco no Catálogo de Teses e Dissertações no *site* da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) entre os anos de 1988 e 2019. Foram evidenciadas 201 teses e dissertações que se referem às discussões sobre ou em conjunto com a temática das lesbianidades; delas, 136 abordam exclusivamente as vivências lésbicas e 104 possibilitam uma análise geográfica dos seus resultados. Evidenciamos que existem ausências e silenciamentos no campo científico geográfico brasileiro, quanto às lesbianidades e a marginalização desses estudos pela produção científica nacional dada a baixa porcentagem de trabalhos disponíveis no catálogo quando em comparação com o total de pesquisas publicado (0,02%). Por outro lado, nota-se um campo fértil para a produção de análises geográficas que auxiliem na compreensão



das vivências espaciais de mulheres lésbicas em pesquisas realizadas por outros campos de conhecimento.

Palavras-Chave: Mulheres Lésbicas. Produção Científica. Espaço.

Abstract

This article aims to identify and elucidate the theses and dissertations on lesbianism that enable a geographical analysis of their results. Thus, a bibliographic survey of research that discusses the theme in focus was carried out in the Catalog of Theses and Dissertations on the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) website between the years 1988 and 2019. A total of 201 theses and dissertations were located that refer to discussions on and/or in conjunction with the theme of lesbianism. Of these, 136 research address exclusively lesbian experiences, and 104 are a geographical analysis of their results. Based on these data, one can notice absences and silence by the Brazilian geographic scientific field related to lesbians and marginalization of these studies by the national scientific production, given the low percentage of works available in the referred Catalog, when compared to the total of published research (0.02%). On the other hand, this reveals that there is a fertile field to produce geographic analyses that help in the understanding of the spatial experiences of lesbians in research conducted by other fields of knowledge.

Keywords: Lesbian Women. Scientific Production. Space.

Resumen

El objetivo de este artículo es identificar e dilucidar las tesis y disertaciones sobre lesbianismo que posibiliten analizar geográficamente sus resultados. Para ello, se realizó una recopilación bibliográfica de las investigaciones que discuten el tema en foco en el Catálogo de Tesis y Disertaciones del sitio web la Coordinación de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) entre 1988 y 2019. Se evidenciaron 201 tesis y disertaciones que se refieren a discusiones sobre o en conjunto con el tema de las lesbianidades; de ellas, 136 abordan exclusivamente las experiencias lésbicas y 104 posibilitan un análisis geográfico de sus resultados. Demostramos que hay ausencias y silencios en el campo científico geográfico brasileño en cuanto al lesbianismo y una marginalización de estos estudios por parte de la producción científica nacional dado el bajo porcentaje de trabajos disponibles en el catálogo cuando se le compara con el total de investigaciones publicadas (0,02%). Por otro lado, se ve un campo fértil para la producción de análisis geográficos que ayuden a comprender las experiencias espaciales de las mujeres lesbianas en investigaciones realizadas por otros campos del conocimiento.

Palabras clave: Mujeres Lesbianas. Producción Científica. Espacio.

1 Introdução

O presente artigo tem por objetivo identificar e elucidar as teses e dissertações sobre lesbianidades que estão disponíveis para acesso na plataforma da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e que possibilitem uma análise

geográfica dos seus resultados. Nesta pesquisa adotamos o posicionamento de “*Estado de Conhecimento*” pautado nas pesquisadoras Marília Costa Morosini e Cleoni Maria Barboza Fernandes (2014), visto que, para as investigadoras, esta via apresenta como pilar a identificação, o registro e a categorização, que levam à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica (p. 155, 2014). *A priori*, entende-se por produção científica geográfica brasileira estudos defendidos em programas de pós-graduação na área de Geografia e publicados no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes. Salientamos, contudo, que o catálogo não se apresenta como a única ferramenta de análise referente às publicações que envolvem a temática a ser apresentada nesta pesquisa, mas que para a presente discussão, adotamos como pilar os trabalhos expostos na plataforma. Compreendemos por análise geográfica as categorias inseridas nos estudos geográficos que, em suas reflexões, consideram os aspectos estruturantes do espaço geográfico, como, por exemplo, lugar, paisagem, território e região.

Nessa perspectiva, a técnica de pesquisa adotada foi documental e bibliográfica. Para o tratamento de dados foram categorizados aspectos mediante análise de conteúdo consolidado por Laurence Bardin (1977), constituindo as categorias espaciais que elencamos para nossa reflexão. Por fim, no que tange à metodologia, esta pesquisa se desdobra em um cunho descritivo-bibliográfico com uma abordagem quantitativa.

O percurso metodológico foi elaborado a partir do levantamento bibliográfico de resumos de teses e dissertações defendidas e publicadas até o dia 6 de junho de 2020 (data da realização do levantamento bibliográfico), no banco de dados do Catálogo de Teses e Dissertações no *site* da CAPES. De acordo com Galvão (2011, p. 1), “realizar um levantamento bibliográfico é se potencializar intelectualmente com o conhecimento coletivo, para se ir além, [o qual] requer conhecimentos específicos sobre organização da informação e metodologias adequadas de busca”.

Para a coleta das teses e dissertações, foram utilizados os descritores: “lesbianidade”; “*lesbianismo*”; “lesbofobia”; “lésbica” e “homossexualidade feminina” e seus respectivos plurais. Na referida data, o catálogo apresentava o total de 1.213.056 pesquisas publicadas e defendidas. Dessas, somente 201 trabalhos científicos referem-se às discussões sobre ou em conjunto com a temática das lesbianidades. Nesse universo, foram aplicados critérios de exclusão e inclusão de pesquisas para se alcançar o número final de trabalhos utilizados para a

análise geográfica. Assim, foram estabelecidos como critérios de inclusão pesquisas que exclusivamente referem-se à temática das lesbianidades; que tivessem seu acesso autorizado e publicado por meio de *links* gerados pelo *site* da CAPES, pela Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) ou repositórios dos programas de Pós-Graduação; e que tivessem possibilidades de realizar uma análise geográfica.

Os critérios de exclusão foram: teses e dissertações que não publicadas ou que não geraram um *link* de acesso ao texto; teses e dissertações que não abordam especificamente as lesbianidades, mas em conjunto com outras temáticas, como, por exemplo, bissexualidade, homossexualidade masculina, transexualidades e travestilidades etc.; e teses e dissertações em que não foi possível realizar uma análise geográfica.

Os documentos coletados foram sistematizados em uma planilha do LibreOffice-Calc, onde foram organizados a partir de nome dos autores e autoras, título da pesquisa, tema da pesquisa, ano de defesa da pesquisa, área do conhecimento e *link*, quando existente, de acesso ao trabalho na Plataforma Sucupira. Assim, essas teses e dissertações foram classificadas e agrupadas a partir da metodologia da análise de conteúdo de Bardin (1977), possibilitando realizar uma análise do que está oculto na superfície textual. Mediante análise de conteúdo dos resumos de cada pesquisa, foi possível estabelecer categorias de análise, chamadas de categorias espaciais, como: casa, cárcere, banheiro público, corpo, espaço escolar, espaço político, espaços de sociabilidade, espaços de saúde e espaços transmidiáticos/ciberespaço. Dessa forma, criando possibilidades de análises geográficas dos fenômenos evidenciados em cada tese ou dissertação e, por conseguinte, criando representações gráficas dos resultados obtidos a partir do levantamento bibliográfico no catálogo.

Ao longo da história da humanidade, as subjetividades lésbicas e seus desejos foram situados à margem da sociedade (Lenzi; Silva, 2018), resultando, segundo Oliveira (2017), em consequências históricas, sociais e políticas. Para esta autora, mesmo que as discussões sobre o fenômeno das homossexualidades tenha sido expressivo durante as últimas décadas pela produção científica nacional, tais pesquisas têm como foco principal a homossexualidade masculina. Segundo a autora:

O mesmo espaço de construção de problematizações sobre a homossexualidade feminina na história é, ainda no século XXI, lacunar e ele só se torna possível de ser investigado através de uma série de mediações e operações historiográficas que o(a)s historiadora(e)s procuram manter com suas bibliografias e documentações primárias. (Oliveira, 2017, p. 2).

Conforme Braga, Caetano e Ribeiro (2018), as discussões acadêmicas sobre a produção de modos de subjetividades lésbicas dizem respeito a como essas mulheres estabelecem relações com as 'verdades absolutas' que atravessam suas vivências. Assim, segundo Braga, Caetano e Ribeiro (2018), essas “verdades” produzidas academicamente constituem-se enquanto agências que “disputam os modos de produção de subjetividades”, a que somente uma parte da sociedade tem acesso. É nesse sentido que as identidades são (re)elaboradas também mediante discursos acadêmicos.

Assim, a produção científica nacional, a partir do desenvolvimento de teses e dissertações sobre lesbianidades e demais identidades sexuais e de gênero, constitui-se enquanto um elemento importante para a compreensão de processos de subjetividades, representatividade e visibilidade. Dito isto, identificamos como estas pesquisas vêm alimentando determinados banco de dados. A produção científica brasileira, mediante desenvolvimento de teses e dissertações, tem sido sistematizada pelo menos desde 1987 a partir do aplicativo Coleta e, em 1996, pelo aplicativo Cadastro de Discentes. Somente em 2002 que tais teses e dissertações começaram a fazer parte do Banco de Teses e Dissertações da CAPES, que, atualmente, passou a denominar-se Catálogo de Teses e Dissertações. A alimentação deste banco se dá mediante o preenchimento de informações realizadas por parte de programas de pós-graduação por meio da plataforma Sucupira (Fundação CAPES, 2017).

Corroboramos com o pensamento de Ferreira (2014, p. 1) quando afirma que o "conhecimento é produzido em contextos e circunstâncias específicas", o qual precisa ser levado em consideração a posicionalidade do sujeito que pesquisa. Nesse sentido, é imprescindível uma reflexão da pessoa que pesquisa em relação aos dados obtidos, vide as relações de poder que conferem o fazer científico (Rose, 1997). Esta posicionalidade, segundo Silva (2013b), é relevante para a construção das perguntas, e, não obstante, seus resultados precisam ser autoavaliados no que concerne às influências de tal posicionalidade sobre eles. Diante desse cenário, torna-se importante destacar a minha posicionalidade enquanto mulher lésbica, cisgênera e branca no desenvolvimento da reflexão que proponho realizar neste manuscrito.

Posto isto, este trabalho está dividido em duas partes. A primeira discute sobre a invisibilidade que mulheres lésbicas estão sujeitas tanto socialmente quanto politicamente e, não obstante, academicamente. A segunda evidencia a possibilidade de produzir análises geográficas que auxiliem na compreensão das vivências espaciais de mulheres lésbicas em trabalhos realizados por diversas áreas de conhecimento.

2 Lesbianidades e invisibilidades produzidas: ausências e silêncios sobre vivências lésbicas

Desde a Antiguidade, as mulheres já estabeleciam relações afetivo-sexuais, redes de solidariedade e proteção, mas que foram negadas, ao passo em que não conferiam a finalidade reprodutiva – vale lembrar que as relações entre homens eram bem estimadas neste contexto (Martins, 2019). Sendo assim, para esta autora, só é possível compreender o processo histórico das lesbianidades se adotamos em consideração a heterossexualidade compulsória, que se constitui enquanto um elemento de afastamento entre feministas lésbicas e heterossexuais.

Para Ribeiro (2019), a heterossexualidade compulsória constitui-se enquanto um sistema de dominação que engloba três características: 'opressor, capitalista e machista', alimentado por múltiplos fatores, como a violência (e incluiríamos também os discursos hegemônicos). Discursos estes que naturalizam a heteronormatividade como único caminho possível para a humanidade, resultando na invisibilidade social de mulheres lésbicas (Gomes, 2019).

Judith Butler (2013) afirma que os discursos hegemônicos alimentam aquilo que a autora denominou como mecanismo de gênero, ou seja, o gênero entendido enquanto uma máquina que naturaliza aquilo que é tido como feminilidades e masculinidades, mediante a heteronormatividade. Em outras palavras, tais discursos hegemônicos – discurso médico-biológico e discurso jurídico –, segundo Butler (2013), naturalizam o entendimento do que é 'ser homem' e 'ser mulher'.

Mesmo com a (re)produção da heterossexualidade compulsória, as identidades lésbicas subvertem a norma, conduzindo a importantes reflexões (Ribeiro, 2019). Contudo, estas identidades possuem a difícil tarefa de torná-las visíveis socialmente, as quais historicamente foram marginalizadas tanto social quanto politicamente (Gomes, 2019) e,

como veremos nesta discussão, academicamente.

Para Ferreira (2014), as reivindicações de igualdade e direitos sexuais restringem as identidades de gênero e sexuais a uma categoria ampla de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, *queer*, intersexuais, assexuais (LGBTQIA+), invisibilizando mulheres lésbicas. Conforme Braga, Caetano e Ribeiro (2018), contudo, é preciso atenção no que concerne à invisibilidade lésbica na ideia de que ela produz condições favoráveis à vivência afetivo-sexual, ao passo de que se são invisíveis, sofrem menos discriminações. Tais afirmações, segundo os autores, levam à exclusão de outras diversas identidades lésbicas, como as lésbicas masculinas que, neste caso, são hipervisíveis. Desse modo:

A hipervisibilidade vivenciada por lésbicas masculinas também se torna evidente para nós, quando percebemos o maior rechaço e exposição a avaliações negativas, violência e isolamento que são direcionados para elas, advindo até mesmo de outras dissidentes que não desejam que essa visibilidade as afete e possa colocá-las forçosamente para fora do armário (Braga; Caetano; Ribeiro, 2018, p. 133).

Ribeiro (2019) destaca que a compreensão das identidades lésbicas só é possível se elas forem consideradas enquanto identidades plurais, conquistando, assim, 'o caminho da emancipação' destas identidades. Nesse contexto, Kumpera (2019) alerta sobre a importância de compreender a influência do privilégio branco na (re)elaboração das identidades, uma vez que as lésbicas brancas possuem uma maior visibilidade, resultando em maiores acessos e aceitabilidade social.

Essa invisibilidade social de mulheres lésbicas, sejam elas brancas ou não, também é refletida nos meios acadêmicos, vide resultados do levantamento de teses e dissertações sobre temáticas que envolvam mulheres lésbicas que este artigo propõe realizar.

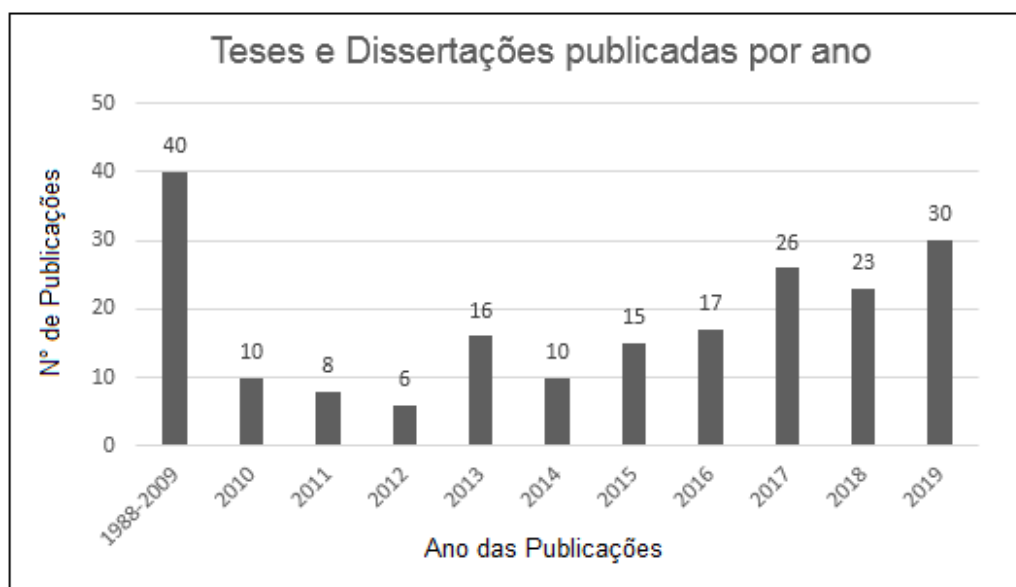
3 A produção científica acadêmica brasileira entre os anos de 1988 e 2019 sobre lesbianidades: uma análise geográfica de teses e dissertações brasileiras

Sant'Ana e Guimarães (2019) expõem que a produção científica brasileira sobre lésbicas e outras expressões de sexualidade teve uma maior expressão a partir da década de 1980. Em contrapartida, ao realizar o referido levantamento das pesquisas científicas

brasileiras no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), identificamos que, do total de 1.213.056 pesquisas publicadas e defendidas disponíveis no *site*, até 06 de junho de 2020, somente 201 trabalhos científicos referem-se às discussões sobre ou em conjunto com a temática das lesbianidades, sendo 44 (21,89%) teses de doutorado e 157 (78,11%) dissertações de mestrado.

A partir destes dados, evidenciamos que as discussões sobre ou em conjunto com a temática das lesbianidades teve uma maior expressão a partir do ano de 2010, sendo somente a primeira pesquisa publicada datada em 1988 (Portinari, 1988) e a única pesquisa da década de 1980, indo na contramão da afirmação de Sant'Ana e Guimarães (2019). O gráfico da Figura 1 evidencia as dissertações e teses por ano de publicação.

Figura 1 – Dissertações e teses publicadas no catálogo da CAPES no período de 1988-2019.



Fonte: Pesquisas publicadas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Organização: Dos Santos 2020.

Como evidenciamos, as discussões relacionadas com as lesbianidades tiveram um aumento somente em 2010, mesmo que tenham apresentado um decréscimo nos dois anos subsequentes (2011 e 2012), estabelecendo uma constância a partir de 2013. As pesquisas publicadas entre 1988 e 2009 foram agrupadas, uma vez que tais publicações por ano não

possuem porcentagens representativas.¹ Também evidenciamos que os programas de pós-graduação em Psicologia se configuram como os que mais desenvolveram pesquisas sobre ou em conjunto com mulheres lésbicas, correspondendo a 22,89% da produção científica nacional sobre a temática.

Mesmo que o ano de 2019 venha se consolidando como o ano mais expressivo de publicações sobre ou em conjunto com a temática das lesbianidades, é necessário ressaltar a baixa porcentagem de publicação sobre o tema, vide o grande número de teses e dissertações defendidas e publicadas no catálogo. Isto é, do universo total de pesquisas disponíveis no *site* da CAPES, somente 0,02% correspondem às pesquisas que discutem sobre a temática em foco.

Além disso, este levantamento evidencia a ausência da produção científica brasileira sobre mulheres lésbicas pelo campo científico geográfico. Segundo Lenzi e Silva (2018), as pesquisas relacionadas com as geografias lésbicas são insuficientes não somente no Brasil, mas também em países onde as discussões sobre as geografias das sexualidades já estão consolidadas. Em âmbito nacional, as autoras denunciam a negligência do campo científico geográfico sobre vivências espaciais de mulheres lésbicas, mas destacam as discussões com foco nas espacialidades de travestis e homens gays, as quais possuem uma maior expressão na Geografia.

A análise realizada por Santos, Chagas e Ornat (2020) evidencia que do total da produção científica brasileira sobre travestilidades e transexualidades publicadas no catálogo², somente 573 trabalhos foram desenvolvidos (167 e 406 pesquisas, respectivamente), o que representa 0,05% do total das produções. Segundo os mesmos autores, do total de pesquisas desenvolvidas sobre travestilidades e transexualidades em programas de pós-graduação vinculados à área das Ciências Humanas (47,47%), somente 4,04% das pesquisas foram desenvolvidas nos programas de pós-graduação em Geografia.

Essa porcentagem diz respeito somente a 11 pesquisas publicadas e defendidas por

¹ Em 1988, 1993, 1995, 1998, 2000, 2002, 2003 e 2004, foram publicadas 1 (uma) pesquisa por ano; em 1992 e 2001, foram publicadas 2 (duas) pesquisas por ano; em 2007, foram publicadas três pesquisas; e em 2009, foram publicadas 4 (quatro) pesquisas. Em 2008, foram 6 (seis) pesquisas publicadas; em 2005, 7 (sete) pesquisas publicadas; e em 2006, 8 (oito) pesquisas publicadas no Catálogo.

² Segundo os autores, 1.146.290 publicações estavam disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações até 1º de abril de 2019 (Santos; Chagas; Ornat, 2020).

pesquisadoras e pesquisadores do campo científico geográfico brasileiro³, corroborando, em parte, as afirmações de Lenzi e Silva (2018) no que concerne à maior expressão nas produções científicas sobre vivências espaciais de outras identidades de gênero e sexuais, pois, se por um lado, esses dados evidenciam maior problematização sobre o fenômeno das travestilidades (e transexualidades) por parte de geógrafas e geógrafos em relação ao fenômeno das lesbianidades, por outro lado, esses dados também evidenciam o pequeno número de pesquisas vinculadas às geografias feministas, geografia das sexualidades e transgeografias. E, se tratando de geografias lésbicas, esses números são inexistentes. Conforme as concepções de Polesso (2018):

(...) As geografias lésbicas dizem respeito às possibilidades de encontrar, ressignificar e criar espaços onde o trânsito das lésbicas e/ou mulheres *queer* seja possível. As geografias de lésbicas fornecem uma crítica importante das interseções do patriarcado, dos sexos, da homofobia e do heterossexismo, bem como a garantia de que as lésbicas e as espacialidades femininas *queer* tornem-se visíveis (Polesso, 2018, p. 6).

Silva e Ornat (2017) realizam uma discussão sobre o livro *Geografias Lésbicas: gênero, lugar e poder (Lesbian Geographies: gender, place and power)* (Browne; Ferreira, 2015), afirmando que esse livro, além de denunciar a invisibilidade que o campo científico geográfico reitera sobre as vivências espaciais de mulheres lésbicas, seja na Geografia das Sexualidades ou nas Geografias Feministas, ele também promove uma reflexão das 'limitações epistemológicas' que pesquisadoras geógrafas e pesquisadores geógrafos precisam enfrentar no processo do fazer científico. Outro ponto também importante é que, segundo Silva e Ornat (2017), a obra destaca que as geografias lésbicas estão pautadas na interseccionalidade entre gênero e sexualidade, ou seja, como tais categorias identitárias se relacionam em diferentes dinâmicas espaço-temporal.

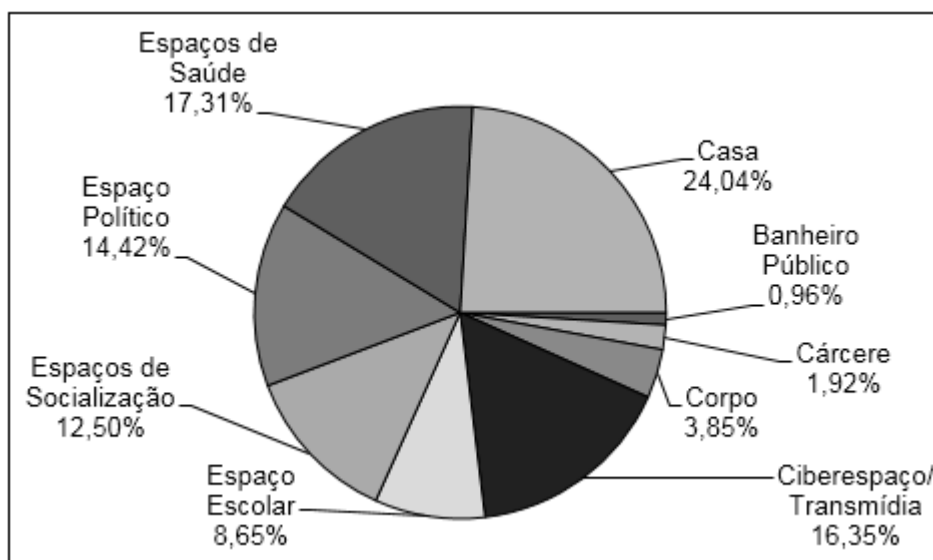
Dado o contexto da ausência de discussões sobre vivências espaciais de mulheres lésbicas pela Geografia, realizamos uma análise geográfica das teses e dissertações encontradas no Catálogo. Assim, das 201 pesquisas que se referem sobre ou em conjunto com

³ Indo além, segundo Santos (2020), do total de pesquisas publicadas sobre transexualidades (406 pesquisas), apenas 21 pesquisas discutem exclusivamente sobre corpos transmasculinos; o que representa 5,17% do total de trabalhos sobre tais identidades. Nenhuma pesquisa sobre transmasculinidades foi desenvolvida pelo campo científico geográfico, sendo a pesquisa de Santos (2020) a pioneira nas discussões sobre vivências espaciais de homens trans na Geografia.

a temática das lesbianidades, somente 136 (67,66%) trabalhos abordam exclusivamente sobre mulheres lésbicas. Isto representa 0,01% do universo total de pesquisas publicadas no Catálogo (1.213.056 pesquisas). Das 136 pesquisas exclusivas sobre mulheres lésbicas, foi possível evidenciar 104 teses e dissertações que possibilitam uma análise geográfica dos seus resultados.

Enfatizamos que esta reflexão não tem como pretensão realizar uma análise argumentativa das pesquisas publicadas e defendidas, mas evidenciar quantitativamente as pesquisas mediante uma análise geográfica dos resumos das teses e dissertações disponíveis. A Figura 2 evidencia as categorias espaciais que estabelecemos mediante análise de conteúdo (Bardin, 1977) dos resumos de teses e dissertações obtidas no catálogo.

Figura 2 – Categorias espaciais de teses e dissertações sobre lesbianidades.



Fonte: Pesquisas publicadas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Organização: Dos Santos, 2020.

Esta análise geográfica é importante na medida em que evidenciamos estes silenciamentos por parte da Geografia e, neste contexto, nos parece pertinente a compreensão dos fenômenos estudados por pesquisadoras e pesquisadores brasileiros pelo viés geográfico, pois, como afirma Ferreira (2014, p. 1), "(...) as identidades sexuais têm uma forte componente espacial". Assim, é possível analisar espacialmente como os fenômenos estudados se apresentam, bem como se articulam entre si; indo além, como se expressa a produção científica nacional sobre mulheres lésbicas, na medida em que tal produção reflete

as discussões relacionadas sobre suas vivências, possibilidades e desafios relacionados com suas identidades sexuais.

A (re)elaboração das identidades sociais leva em consideração o espaço, sendo que esta (re)elaboração resulta na produção de 'espaços materiais, simbólicos e metafóricos', a partir das relações estabelecidas, possibilitando, assim, compreender como as relações de poder estão presentes nestas espacialidades (Ferreira, 2014). Para Lenzi e Silva (2018, p. 119), "as concepções de espaço estão imbricadas com a visibilidade ou invisibilidade lésbica. Não há como separar o espaço das constituições identitárias, havendo uma interdependência entre ambos".

Ao observar a Figura 2, evidenciamos que as pesquisas que foram classificadas na categoria espacial "casa" (24,04%) referem-se às discussões focadas principalmente nas relações de parentalidade e relações afetivo-sexuais, bem como nas questões envolvendo suas vivências amplas, incluindo como enfrentam a lesbofobia e a velhice.

No que se refere à parentalidade, as pesquisas evidenciam as dinâmicas familiares de mães lésbicas com seus filhos e filhas e também como se dá esta configuração sob a ótica dos avós; além de reflexões sobre maternidade lésbica e tecnologias reprodutivas. Em se tratando de relações afetivo-sexuais, as pesquisas tecem uma discussão voltada especificamente sobre violência doméstica nos relacionamentos conjugais de mulheres lésbicas.

Cordeiro (2018) evidencia outras possibilidades de arranjos nas relações afetivo-sexuais entre mulheres lésbicas que muitas vezes são compreendidas socialmente (e naturalizadas) enquanto relacionamentos igualitários e constituídos pelo cuidado entre as parceiras. Conforme Avena (2010), esta naturalização tem como objetivo silenciar as violências no âmbito conjugal lésbico, que muitas vezes não são denunciadas pelas vítimas por receio de sofrerem lesbofobia.

Já as pesquisas classificadas na categoria espacial "espaços de saúde" (17,31%) abordam sobre a saúde da mulher lésbica, suas vivências através destes espaços e as possibilidades de acesso aos serviços. As discussões estabelecidas no âmbito da saúde são amplas, ou seja, são analisados dados sobre a saúde sexual e reprodutiva de mulheres lésbicas até questões de prevenção e infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), saúde mental e câncer de mama.

Segundo Fachini e Barbosa (2006), a maior visibilidade social da população

LGBTQIA+, em conjunto com o reconhecimento das especificidades das identidades dentro da população e, neste caso, reconhecimento das identidades lésbicas exclusivamente, somado com a produção e acesso ao conhecimento científico sobre (homo)sexualidades (e identidades de gênero), avanços na luta por direitos e reivindicações no que concerne à saúde das mulheres, contribuíram para o crescimento da preocupação sobre a saúde de mulheres lésbicas e bissexuais. Entretanto, segundo as autoras, os estudos sobre saúde das mulheres lésbicas ainda são insuficientes, repercutindo negativamente no estabelecimento de demandas e delimitação de riscos específicos.

O espaço político também faz parte da vivência espacial de mulheres lésbicas. Assim, a categoria espacial “espaço político” (14,42%) diz respeito às discussões presentes em teses e dissertações que, entre outras, trazem o movimento lésbico em pauta. Nesse sentido, é possível evidenciar nesses trabalhos como se constituem as organizações de mulheres lésbicas brasileiras. Um ponto importante de ressaltar é a atenção que algumas pesquisas possuem no que se refere à interseccionalidade, ou seja, as diversas categorias identitárias que as mulheres que participam do movimento lésbico possuem. Conforme Lenzi e Silva (2018), o reconhecimento de que as identidades lésbicas são interseccionadas impossibilita imaginar que exista uma identidade lésbica cristalizada, mas sim múltiplas formas de (re)elaboração destas identidades que, como bem lembram as autoras, ainda existe o componente espaço-temporal neste processo que precisa ser considerado.

Evidenciamos também que há pesquisas relacionadas com o contexto escolar, seja durante a vivência escolar de alunas lésbicas, ou profissional de professoras lésbicas. Assim, a categoria espacial 'Espaço Escolar' (8,65%) refere-se às vivências que discentes e docentes estabeleceram durante suas trajetórias educacionais e profissionais nas escolas que frequentaram. É importante notar que é somente nesta categoria espacial que o fenômeno da lesbianidade está relacionado com a vivência profissional dessas mulheres, denunciando uma escassez de discussões que problematizem o acesso e a permanência desta população no mercado formal de trabalho.

Segundo Braga, Caetano e Ribeiro (2018), um número reduzido de pesquisas envolvendo lesbianidades e vivências escolares tem sido produzido, mesmo que as discussões sobre sexualidades tenham tido um aumento significativo, levando esses autores a questionar se as problematizações realizadas envolvendo o fenômeno da homofobia escolar são suficientes para compreender o fenômeno da misoginia e lesbofobia em espaços escolares.

A categoria espacial “ciberespaço/espço transmidiático” (16,35%) corresponde às teses e dissertações que trazem como tema vivências lésbicas e a representatividade social destas mulheres através dos ciberespaços e espaços transmidiáticos. Ambos os elementos possuem um destaque na visibilidade destas identidades e também demais identidades sexuais e de gênero dissidentes. É por meio desses espaços que mulheres lésbicas constituem suas redes de informações e solidariedade, articulação política, movimentos de visibilidade e relatos de manifestações lesbofóbicas.

Lenzi e Silva (2018) ressaltam que o aumento da vulnerabilidade de mulheres lésbicas durante a ditadura militar foi resultado dos escassos meios de comunicação e censura, em que as informações sobre as lesbianidades eram quase que ausentes. Para as autoras, “a constituição de uma representação social negativa alimentava a produção de estratégias de invisibilidade e, ao mesmo tempo, a busca por espaços que pudessem constituir sentido para construção identitária” (Lenzi; Silva, 2018, p. 124).

Em nossa análise geográfica dos resumos das teses e dissertações, evidenciamos pesquisas que possibilitam uma análise do corpo como espaço, sendo classificadas na categoria espacial “corpo” (3,85%). Esta categoria está relacionada com as discussões sobre suas vivências, subjetividades, satisfação corporal e sexual, processo de envelhecimento e como enfrentam a lesbofobia – social e internalizada – e como essa influencia suas vidas, com destaque na ideação suicida.

Conforme Silva (2013a), a compreensão do corpo nas discussões do campo científico geográfico conquistou gradativamente relevância a partir do final do século XX. Assim, Silva e Ornat (2016) compreendem o corpo como espaço na medida em que ele é socialmente e geograficamente posicionado, ou seja, não há a possibilidade de compreender o corpo fora de um contexto espaço-temporal. Dessa forma, o corpo das mulheres lésbicas é “um espaço geográfico, uma escala específica de negociação com as demais escalas espaciais, em movimento constante de instituição de afirmação das sexualidades lésbicas e também de repressão e constrangimento” (Lenzi; Silva, p. 121).

Por fim, evidenciamos a existência de pesquisas sobre as vivências sociais de mulheres lésbicas em unidades prisionais e como estas vivências podem ser influenciadas mediante documentos que regulam visitas íntimas desta população prisional, correspondendo à categoria espacial “cárcere” (1,92%), bem como suas vivências nos banheiros públicos (categoria espacial “banheiro público” – 0,96%). Além disso, a categoria espacial 'Espaços de

Sociabilidade' (12,50%) corresponde às teses e dissertações que abordam sobre as vivências de mulheres lésbicas em múltiplas espacialidades. Essas pesquisas têm como tema as relações afetivo-sexuais que elas estabelecem e como desafiam a lesbofobia em determinados espaços, além de destacar as questões de visibilidade e o modo que resistem à heteronormatividade. De acordo com Ferreira (2014), as identidades lésbicas são heterogêneas e, não obstante, são distintas suas vivências, sendo o espaço fundamental para a compreensão destas relações, mas que ao mesmo tempo também compartilham dos mesmos elementos, como ser mulher, bem como o fato de sofrerem discriminações.

O espaço público (incluindo o banheiro público – categoria espacial evidenciada nesta discussão) é construído, para Ferreira (2014), a partir da heteronormatividade, onde tais mulheres necessitam estar vigilantes para que suas identidades sexuais não sejam reconhecidas. Nesse sentido, o espaço é vivenciado de diferentes maneiras pelas pessoas, isto é, espaço e identidade são coconstitutivos (Ferreira, 2014; Massey; Keynes, 2004). Nesse sentido, Lenzi e Silva (2018) argumentam que a compreensão espacial de pessoas com identidades sexuais dissidentes acarreta pensar o espaço em movimento que ao mesmo tempo nega e possibilita tais identidades sexuais, mediante estratégias e atos de resistência.

A elaboração destas categorias espaciais a partir de resumos de teses e dissertações demonstra a possibilidade de variadas análises que vão além do olhar do/a próprio/a autor/autora. Assim, abre-se um campo fértil para a produção de análises geográficas que auxiliem na compreensão das vivências espaciais de mulheres lésbicas em pesquisas realizadas por outros campos de conhecimento, contribuindo, assim, para fomentar as discussões sobre lesbianidades, as quais são negligenciadas pela produção científica geográfica brasileira.

4 Considerações finais

Este artigo teve como objetivo identificar as teses e dissertações sobre lesbianidades que possibilitem uma análise geográfica dos seus resultados. Por muito tempo, as lesbianidades foram invisibilizadas socialmente, até mesmo dentro do próprio movimento LGBTQIA+, o que resultou em uma marginalização destas identidades lésbicas. Esta invisibilidade não é somente social, mas também acadêmica, na medida em que as publicações de teses e dissertações sobre ou em conjunto com as mulheres lésbicas

representem somente 0,02% da produção científica nacional.

Tais ausências e silenciamentos também são evidenciados pelo campo científico geográfico sobre geografias lésbicas, ao passo que não foram encontradas pesquisas desenvolvidas sobre o fenômeno em programas de pós-graduação em Geografia.

Ao alcançar o objetivo proposto deste artigo, evidenciamos que as pesquisas exclusivamente sobre mulheres lésbicas que possibilitam uma análise geográfica estão centradas em maior número em discussões que abordem a espacialidade da casa (categoria espacial “Casa” – 24,04%), em especial sobre parentalidade, mais especificamente maternidade lésbica. Outra questão que evidenciamos é a insuficiência de pesquisas que abordem sobre as vivências profissionais de mulheres lésbicas que não sejam relacionadas com a docência, bem como as vivências de mulheres negras lésbicas, ao passo que somente nove pesquisas (4,48%) das teses e dissertações discutem sobre raça e orientação sexual.

Dessa forma, este estudo se configura enquanto um ponto de partida para futuras pesquisas relacionadas com as geografias lésbicas, dada a constatação da sua ausência pela Ciência Geográfica e, nesse sentido, orientando geógrafas pesquisadoras e geógrafos pesquisadores sobre quais as perguntas que devem ser realizadas no processo do fazer científico. Nesse sentido, é necessário pensarmos sobre as vivências espaciais de mulheres lésbicas e sua relação com as categorias identitárias como raça, faixa etária, situação econômica, incluindo também sobre as diferentes formas de expressões das lesbianidades, as quais podem estar em conformidade com a cisnorma ou não, bem como as relações que estas vivências lésbicas distintas possuem com o fenômeno da lesbofobia.

Também é possível problematizar sobre os dados evidenciados no que se refere à espacialidade da casa, uma vez que esta espacialidade está diretamente ligada a parentalidade e a maternidade. Ou seja, é possível refletir sobre o patriarcado nas relações que incluem as vivências lésbicas na dinâmica do público/privado, bem como as relações de poder que são estabelecidas nas relações afetivo-sexuais de mulheres lésbicas. Assim, para alcançar tais respostas para estas situações, é necessário ir além de banco de dados ou Catálogos. Sobretudo, se faz pertinente o contato direto com estas mulheres para então começarmos a compreender como se estabelecem essas dinâmicas ao decorrer de suas vivências espaciais, o que não conseguimos realizar neste estudo.

Por fim, notamos um processo de abertura para a produção de análises geográficas que auxiliem na compreensão das vivências espaciais de mulheres lésbicas em pesquisas

realizadas por outros campos de conhecimento, auxiliando na compreensão do fenômeno das lesbianidades, bem como contribuindo no enriquecimento do conhecimento científico.

Referências

- AVENA, D. T. A violência doméstica nas relações lésbicas: realidades e mitos. **Aurora**, n. 7, p. 99-107, 2010.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BRAGA, K. D. S.; CAETANO, M. R. V.; RIBEIRO, A. I. M. Lesbianidades e educação: interrogando a produção acadêmica. **Cadernos de Pesquisa**, v. 25, n. 3, 2018.
- BROWNE, K.; FERREIRA, E. **Lesbian Geographies: gender, place and power**. Farnham: Ashgate Publishing Limited, 2015.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismos e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- CORDEIRO, N. C. **E quando são elas? Relações violentas na perspectiva lesbiana**. 2018. 131f. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.
- FACCHINI, R.; BARBOSA, R. M. **Saúde das mulheres lésbicas: Promoção da equidade e da integralidade**. Belo Horizonte: Rede Feminista de Saúde, 2006.
- FERREIRA, E. Visibilidade lésbica e cidadania sexual. In: FERREIRA, E.; VENTURA, I.; REGO, L.; TAVARES, M.; ALMEIDA, M. A. P. (ed.) **Percursos feministas: desafiar os tempos**, e-Book. Lisboa: UMAR/Universidade Feminista, 2014.
- FUNDAÇÃO CAPES. Como funciona o banco de teses? **Perguntas Frequentes. Acesso à Informação**. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/acessoainformacao/perguntas-frequentes/periodicos/3571-como-funciona-o-banco-de-teses>. Acesso em: 2 ago. 2020.
- GALVÃO, M. C. B. **O levantamento bibliográfico e a pesquisa científica**. Disponível em: http://www2.eerp.usp.br/nepien/DisponibilizarArquivos/Levantamento_bibliografico_Cristian eGalv.pdf. Acesso em: 3 ago. 2020.
- GOMES, F. M. T. Diálogos necessários: pensamento lésbico contemporâneo. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 2, n. 4, p. 108-115, 2019.
- LENZI, M. H.; SILVA, J. M. ‘Faço de Conta que Eu Não Existo e Você Faz de Conta que Não Me Vê’: Geografias Lésbicas na Ditadura Militar em Florianópolis – SC, Brasil. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 9, n. 2, p. 114-152, 2018.
- KUMPERA, J. A. M. Lesbianidade e branquitude. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 2, n. 4, p. 136-145, 2019.
- MARTINS, L. P. Uma análise Lésbica-Feminista sobre a Heterossexualidade Compulsória.

Revista Brasileira de Estudos da Homocultura, v. 2, n. 4, p. 115-120, 2019.

MASSEY, D.; KEYNES, M. Filosofia e Política da Espacialidade: algumas considerações. **GEOgraphia**, ano 6, n. 12, p. 7-23, 2004.

MOROSINI, M. C.; FERNANDES, C. M. B. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação por escrito**, v. 5, n. 2, p. 154-164, 2014.

OLIVEIRA, C. F. A Homossexualidade feminina na história do Brasil: do esforço de construção de um objeto histórico ao desdobramento na construção da cidadania. **Les Online**, Lisboa, v. 7, n. 2, p. 2-19, 2015.

POLESSO, N. B. Geografias lésbicas: literatura e gênero. **Criação e Crítica**, n. 20, p. 3-19, 2018.

PORTINARI, D. B. **Discurso da homossexualidade feminina**. 1988.154f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.

RIBEIRO, D. R. K. Identidade lésbica diversa e relacional: as multiplicidades das existências e as várias formas de resistir. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 2, n. 4, p. 121-128, 2019.

ROSE, G. Situating knowledges: positionality, reflexivities and other tactics. **Progress in Human Geography**, v. 21, n. 3, p. 305-320, 1997.

SANT'ANNA, C. L.; GUIMARÃES, C. F. Experiências sobre a (in)visibilidade lésbica no ambiente universitário. **Saúde em Redes**. v. 5, n. 1, p. 9-23, 2019.

SANTOS, A. E. C. **Vivências transmasculinas em espaços educacionais de nível superior do Sul do Brasil e a multiplicidade espacial**. 2020. 285 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2020.

SANTOS, A. E. C.; CHAGAS, B. I. L.; ORNAT, M. J. A produção científica brasileira sobre travestilidades e transexualidades: da doença à resistência. **Terr@ Plural**, v.14, p. 1-19, 2020.

SILVA, J. M. Corpo, corporeidade e espaço na análise geográfica. *In*: HEIDRICH, Á. L.; COSTA, B. P. da; PIRES, C. L. Z. **Maneiras de ler geografia e cultura**. Porto Alegre: Compasso Lugar Cultura, p. 28-36, 2013a.

Enviado em: 29/08/2023

Revisado em: 06/10/2023

Aprovado em: 11/10/2023